

**A ausência da literatura pernambucana em livros didáticos nos quatro
últimos anos do Ensino Fundamental do Estado em 2023.**

**The absence of Pernambuco's literature in textbooks in the
last periods teachings at Elementary Schools in the State in 2023.**

“O artista só lida com palavras, pois apenas elas são algo definida e indiscutivelmente presentes na obra”. Mikhail Bakhtin

Ricardo Japiassu Simões¹

Resumo:

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa feita para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa – junto à Universidade Federal de Pernambuco. O objetivo foi elaborar uma análise do livro didático utilizado na rede pública pernambucana nos quatro últimos anos do ensino fundamental e averiguar, nestes, a presença da literatura produzida no Estado. Conclui-se, de forma estarrecedora, que, embora a orientação do Currículo de Pernambuco seja no sentido de abrir espaço à literatura produzida no Estado, não ocorre a menor presença dos nossos autores junto ao livro didático abordado. Até mesmo os autores consagrados, como Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, são completamente apagados. Conhecendo a fundo a obra da pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira, venho sugerir sua aplicação junto aos quatro anos do Ensino Fundamental. Outro problema constatado junto ao livro didático utilizado na rede pública foi a não existência de capítulos voltados exclusivamente para o ensino de literatura, embora o livro didático utilizado no ano de 2023 abrigue a presença de autores, gêneros e estilos diversos e de qualidade, como textos do poeta Carlos Drummond de Andrade. Fruto desta investigação é o artigo que ora apresentamos para a apreciação de uma banca examinadora, após a qual concluiremos esta graduação.

Palavras-chave:

Livro Didático; Literatura Pernambucana; Ensino Médio.

Summary:

This article presents the results of a research carried out to prepare the Completion Work for the Literature Course – Degree in Portuguese Language – at the Federal University of Pernambuco. The objective was to prepare an analysis of the textbook used in the public school system in Pernambuco in the last four years of the elementary school and to investigate, in these years, the presence of literature produced in the State. It was shockingly concluded that, although the orientation of the Pernambuco Curriculum is to open space for literature produced in the State, there is no presence of our authors next to the textbook covered. Even renowned authors, such as Manuel Bandeira and João Cabral de Melo Neto, are completely erased. Knowing in depth the work of Luzilá Gonçalves Ferreira from Pernambuco, I come to suggest its application in the four years of Elementary School. Another problem found with the textbook used in the public school system was the lack of chapters found exclusively on the teaching literature,

¹ Discente do curso de Letras - Português, ministrado no Centro de Artes e Comunicação, desta Instituição, orientado pelo Professor-Doutor Flaviano Maciel Vieira, o aluno defendeu, no dia 16 de outubro de 2024, este artigo, de maneira on-line, com o qual obteve a nota final 8,5.

although the poet Carlos Dummond de Andrade. The result of this investigation is the article that we now present for consideration by an examining board, after which we will complete this degree.

Keywords:

Textbooks; Pernambuco Literature; High School.

1 – Introdução:

Este artigo procura averiguar a presença ou ausência de autores da literatura pernambucana no livro didático utilizado nas escolas do Estado no decorrer do ano de 2023, quando estagiei na Escola de Referência do Ensino Fundamental e Ensino Médio Governador Barbosa Lima. Nesta época, do sexto ao nono ano – únicos oferecidos pela referida instituição – mantive contato com os professores e pude ter acesso aos livros didáticos. Neste caso, especificamente, a obra *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*, de autoria de Tania Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, publicado pela editora IBEP, de São Paulo. Percebi aí apenas a presença de autores consagrados no eixo Rio-São Paulo, com textos breves e curtos, todos publicados por editoras do sudeste. Estudante de literatura que sou, optei por repensar este problema e suas nuances, já que, inclusive, o Currículo de Pernambuco pede a leitura de autores locais junto ao alunado.

Além de observar o livro didático, pude também perceber o desconhecimento do professorado sobre a literatura produzida no Estado. Desta forma, fica evidente que a formação e solidificação de uma identidade pernambucana, transmitida através de romances e poesias, por exemplo, são relegados. Concordo com a pesquisadora do tema, a então aluna do curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Myllena Karina Miranda dos Santos (2010), quando da apresentação do seu trabalho em evento realizado pela Faculdade SENAC. Conforme Myllena Karina (2010, p. 2), esta realidade, especialmente junto aos alunos, impede a identificação com o colorido local e, portanto, como consequência, não ocorre o fortalecimento de uma identidade autóctone, visto que os textos literários utilizados nas aulas de Português não refletem os costumes nem a nossa mentalidade em particular. Ler a cor local é indispensável à solidificação da nossa genuína cultura.

Ainda seguindo o raciocínio de Myllena Karina (2010, p. 3), seja na escolarização da leitura – de forma ampla – seja na leitura escolar de autores pernambucanos, fica evidente que o alunado mantém pouquíssimo contato com a produção literária na escola, sem consolidar, assim, o ato da leitura literária. Aqui, faço um adendo: a escritora Luzilá Gonçalves Ferreira, no seu romance *No Tempo Frágil das Horas*, representa Pernambuco

no século XIX, contextualizando a mentalidade da época. Conhecer tais costumes é, pois, uma forma de adentrar a identidade local. Portanto, neste processo de escolarização, os estudantes tornam-se sujeitos do seu próprio protagonismo, capazes de contribuir, criticamente, para a sua autonomia, dentro e fora dos limites da sala de aula. Como resultado, a valorização da identidade pernambucana conduz à formação de ponto de vista crítico com relação ao que procede do sudeste, onde se encontram as editoras nacionais.

Desta forma, circunscrevi os quatro últimos anos do ensino fundamental neste trabalho por o livro didático apresentar bons textos literários, como crônicas e contos, bem como poesias. Na obra adotada pelo sexto ano – Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa -, por exemplo, à guisa de autores nordestinos apenas os cearenses consagrados - Rachel de Queiroz, Patativa do Assaré, José de Alencar, José Acaci e o alagoano Graciliano Ramos, cujas obras foram publicadas por editoras sediadas no eixo Rio-São Paulo, são citados ou apresentados. Entre os pernambucanos, por conseguinte, nada consta no livro didático, nem mesmo os consagrados Manuel Bandeira ou João Cabral de Mello Neto.

Desta forma, pode-se observar que o Currículo de Pernambuco, para ser implementado, necessita de outras ferramentas por parte dos professores, como a leitura de autores pernambucanos, realizados em outros trabalhos e atividades, equacionando o tempo dos alunos em atividades lúdicas e apresentando, entre outros, autores como Ariano Suassuna, radicado no Estado e mentor do Movimento Armorial.

Este estudo objetiva analisar a ausência dos autores pernambucanos junto ao livro didático utilizado na rede pública estadual, discutindo suas implicações para um melhor ensino, observando e valorizando, por sua vez, a cultura local. Ainda retomando Luzilá Gonçalves Ferreira, em outro romance, Os Rios Turvos, encontramos a presença do primeiro poeta brasileiro, radicado em Pernambuco, Bento Teixeira, e a sua esposa, Felipa Raposa. Aqui, há elementos como a presença da Santa Inquisição no Recife e Olinda, por exemplo. Trata-se de um “prato cheio” para aqueles que desejam conhecer, mais criticamente, a identidade pernambucana. Neste sentido, pode-se atestar que a literatura, no seu bojo, permite a formação desta mentalidade, seja através do caráter lúdico da obra de arte em abordagem, seja na recriação que autores locais realizam, ambientando as histórias em Pernambuco através dos diversos gêneros literários, neste caso a prosa.

Um aspecto importante para a discussão, ainda segundo Myllena Karina (2010, p. 4), é a carência, dentro das próprias escolas, do ensino de literatura de forma geral, quando, muitas vezes, os professores se dedicam ao ensino do vernáculo e o priorizam em detrimento da arte de narrar, seja em forma de prosa ou verso, privilegiando a análise linguística em oposição à produção literária, sobretudo a elaborada em Pernambuco, que, por sua vez, não consta dos livros didáticos, do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, relativamente ao quadriênio 2020-2023. “As aulas de literatura ficam quase sempre em um segundo plano na organização do planejamento dos professores que trabalham com os conteúdos propostos para a área de Língua Portuguesa” (2010, p. 4), enfatiza a autora. Acrescente-se que o alunado não conhece a literatura produzida em Pernambuco por dois motivos básicos: falta de acesso à mídia local e, em segundo lugar, a impossibilidade de aquisição dos referidos livros.

Como conclusão ao curso de Licenciatura em Letras – Português - na Universidade Federal de Pernambuco, com especialização na área dos estudos literários, preocupado com o desconhecimento, por parte dos alunos da rede pública, da produção literária e percebendo por parte das editoras a negligência diante da rica produção existente no país, optei por uma abordagem crítica e construtiva diante de tal problema. No meu entender, há um grande desconhecimento, sobretudo por parte dos pensadores de São Paulo - a saber, os produtores do livro didático - da produção pernambucana, que lá não chega, exceto, como acima mencionado, autores como Ariano Suassuna, cuja obra já foi adaptada para a televisão e para o teatro e que foi homenageado por uma escola de samba do Rio de Janeiro. Todavia, até mesmo ele ficou de fora do livro didático utilizado no Brasil.

2 - Conceituando a expressão literária:

2.1. Literatura Regional: a busca por uma identidade autóctone:

Este trabalho mensura o desconhecimento da literatura realizada em Pernambuco pelas editoras de livros didáticos do eixo Rio-São Paulo e o quanto isto é prejudicial à cultura pernambucana, tendo em vista que o alunado das escolas públicas – cujos livros didáticos são fornecidos pelo governo federal – passa por quatro anos de estudo e nada aprende acerca de autores locais, como os premiados pela Academia Brasileira de Letras Raimundo Carrero e Luzilá Gonçalves Ferreira. Estudando a rica e diversificada produção literária do estado, compreendo o quanto é empobrecedor à mentalidade de Pernambuco

o desconhecimento dos alunos do que aqui se escreve, pois que, em suas obras, os autores pernambucanos apresentam a mentalidade do nosso povo e seu jeito de viver, ou seja, a riqueza histórica e cultural.

Há que se observar a inexistência, entre o sexto e o nono ano do ensino fundamental, de uma matéria exclusiva sobre o ensino da arte literária. Seria este ponto um dos problemas causados pela ausência dos autores pernambucanos no livro didático? Não somente. Mas em tendo a disciplina literatura na grade curricular, contribuiria à formação do alunado. Parece-me pertinente abordar tal aspecto, já mensurado na introdução deste artigo. Para isso, tomaremos como base, além de autores estrangeiros que debatem o tema - os mesmos que abordamos nas aulas da disciplina Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa (constituídas por quatro disciplinas, uma para cada período) - pensadores brasileiros que também refletem sobre a questão.

Esta proposta será assim constituída: primeiramente, teceremos comentários a partir de uma base teórica, refletindo sobre questões tais como 1) Qual o conceito de literatura?; 2) O que os pesquisadores estudam e avaliam sobre literatura pernambucana? E, por último, mas não menos importante, o que pensam outros cientistas sobre o ensino de literatura? Em um primeiro momento, abordaremos aspectos teóricos no que tange à relevância de um artigo científico sobre literatura, em se tratando de um Trabalho de Conclusão de Curso. Noutro momento, procederemos à coleta dos dados colhidos ao nos debruçarmos sobre o livro didático usado no estado de Pernambuco. Tudo calcado na leitura bibliográfica, quer na apresentação dos livros didáticos de cada ano do ensino fundamental - com todo o levantamento no que concerne ao ensino da literatura - quer no aporte teórico no que tange à abordagem teórica deste artigo.

2.2. – O que dizem os teóricos:

Por se tratar de um artigo de caráter científico, é imprescindível uma incursão à literatura cujos autores abordem o tema. Começamos, por conseguinte, pelo que pontua o pensador grego Aristóteles, que, na sua obra Poética, pondera sobre esta vertente da produção artística:

Da mesma maneira como alguns imitam muitas coisas, expressando-se por traços e por cores (pela arte ou pela prática, assim também acontece nas citadas artes; todas realizam a imitação pelo ritmo, pela linguagem e pela melodia, de modo separado ou combinado (Aristóteles, 2000, p. 37).

E ele acrescenta:

Porém, a arte composta apenas de palavras, metrificadas – com diversos metros combinados ou apenas um – ou sem ritmo - até hoje permanece sem nome. Não temos nomes para dar aos mitos de Sófron e de Xenarco, ou aos diálogos socráticos e outras composições de quem imita por meio de trímetros jâmbicos, versos elegíacos ou semelhantes. Aos poetas denominam-se elegíacos e épicos, não de acordo com a imitação que fazem, mas segundo o metro que usam (Aristóteles, 2000, p. 38).

O pensador grego, vê-se, outorga à literatura um caráter bem particular quando determina que o quarto elemento literário é a fala, entendendo-se, com isso, a expressão das ideias por meio de palavras, em verso ou em prosa. Continuando o raciocínio do autor, deduzimos que a beleza deste veio artístico encontra-se na magnitude e na ordem da obra de arte. Ele conclui: “Assim como os seres vivos e as coisas precisam ter um tamanho adequado, para que permitam à visão abarcá-los por inteiro, assim também as fábulas precisam ter uma extensão que a memória possa apreender por inteiro” (Aristóteles, 2000, p. 46). E acrescenta que, na construção das ações, bem como nas falas dos personagens, deve-se agir como se as ações estivessem diante dos olhos, poucas contradições escapando à obra literária.

Consultando a Enciclopédia Mirador Internacional, encontramos uma definição do que seja a arte de narrar em verso ou em prosa. Tem-se aí que tal veio artístico compreende o conjunto de todas as manifestações escritas do espírito humano. Pobre, tal definição exclui a tradição oral, transmitida de geração em geração, albergando tal definição apenas ao material escrito ou impresso. Em se tratando de literatura moderna, entre os diversos gêneros literários prevalece a prosa narrativa, ou seja, o romance, a novela, o conto, todos se ocupando realisticamente de todos os fenômenos da vida e da convivência humana. À medida que o tempo passava, surgiram, assim, duas vertentes: a história e a crítica literária. Aqui, acrescentando-se, inclui-se a literatura regional, que abordaremos ainda nesta parte do artigo.

O pesquisador e teórico Hênio Tavares, por sua vez, em seu Teoria Literária, pergunta: “Mas, o que é literatura?” (Tavares, 20002, p. 28). Segundo o autor, retomando o poeta francês Paul Valéry, esta definição é tão difícil quanto a vida. Para tentar explicá-lo, ele retoma, pois, a etimologia da palavra, que se confundia com a gramática, ainda nos tempos de Aristóteles, compreendendo apenas o ensino das letras e da escrita, chamada a primeira das sete artes. Tratava-se, apenas, da arte pragmática da leitura e da escrita. Séculos depois, traçando um perfil artístico, o professor Soares Amóra, no seu Teoria da Literatura, destaca duas eras: a clássica e a moderna. A primeira compreendia dos sofistas ao século XVIII; a segunda, do Romantismo aos nossos dias. Seguindo tal raciocínio, um

primeiro conceito de Literatura é a invenção dos preceitos estéticos. René Wellek e Austin Warren definem:

Mas onde se mostra mais clara a natureza da literatura é no seu aspecto referencial. O núcleo central da arte literária há de buscar, evidentemente, nos gêneros tradicionais da lírica, da épica e do drama. Em todos eles se faz referência a um mundo de fantasia, de ficção. (Tavares, 2002, p. 30)

E acrescentam:

Sem dúvida, faltou aos conceitos acima um dos elementos fundamentais da arte literária: a imaginação, a ficção. Quanto à parte formal, o que deve informar a arte não é o aspecto valorizativo (sic), mas o descritivo. (Tavares, 2002, p. 30)

Continuando, lemos que a arte literária é a que cria, pela palavra, a imitação do real. Assim o faz a literatura regional, ambientando a narrativa num espaço bem definido. Por exemplo, a Zona da Mata pernambucana, se tomarmos como exemplo o romance *No Tempo Frágil das Horas*, supracitado. Isto é: não se trata da forma na literatura, mas do seu conteúdo. Por imitação não se entenda a cópia da natureza, mas uma invenção calcada nela, fruto, portanto, do realismo observado pelos autores e do idealismo de suas crenças, sendo, de acordo com Hênio Tavares (2002, p. 32), “amplo e complexo – o da história da própria civilização”. Assim, podemos verificar que a primeira arte representa toda e qualquer manifestação do sentido ou pensamento por meio da palavra, “uma expressão da sociedade” (Tavares, 2002, p. 32).

Por sua vez, no seu *Teoria da Literatura: Uma Introdução*, o cientista Terry Eagleton (1996, p. 2) faz a seguinte indagação: “O que é literatura?” Para responder a esta questão, ele propõe um caminho interessante. Segundo o autor, pode-se definir esta arte como não apenas ficcional ou imaginativa, mas narrada a partir de uma linguagem peculiar, justamente o que fazem os autores pernambucanos. Em outras palavras, segundo o crítico russo Roman Jakobson, teríamos uma “violência organizada contra a fala comum” (Eagleton, 1996, p. 3). Ou seja, a literatura transforma e intensifica a linguagem comum e particular de um povo, o que significa que ela supera o mero significado abstrato da fala cotidiana, marcada por ritmo, tessitura e ressonância de palavras, chamando a atenção sobre si mesma, numa organização particular da linguagem, que, particularmente, retrata um povo.

Para o autor, “a obra literária não era um veículo de ideias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem uma encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material, cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma

máquina” (Eagleton, 1996, p. 4). Desta forma, no seu livro *Realismo Literário e a Formação do Leitor*, Márcio Araújo de Melo e Teresa Ramos de Carvalho (2024, p. 43) apontam que, entre as particularidades referentes à originalidade da obra regional, os autores delimitam e demarcam as fronteiras do Brasil, porque a obra é circunscrita a uma região, desvelando o que se constitui como mentalidade particular, além das fronteiras do sudeste brasileiro. Daí a importância do seu ensino em sala de aula: apresentar os nossos costumes para, além de valorizá-los, manter viva a mentalidade de um povo; mentalidade que o diferencia do restante das obras de outras regiões do país, numa condição de ser a própria expressão regional. Aqui, vale um adendo: como apresentar a cultura local se o livro didático bane a literatura regional? A resposta a isso poderia ser: os professores pernambucanos devem implementar o ensino da nossa produção local, sem aguardar os ditames das editoras.

Neste ponto do trabalho, vale incorrer ao pensamento de Eagleton, levantado pelos autores supracitados:

Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o autor tenha pensado. (Eagleton, 1996, p. 13).

Com relação ao regionalismo literário apresentado por Márcio Araújo de Melo e Teresa Ramos de Carvalho (2024, p.44), tem-se que os recortes dos acontecimentos particulares de um povo – transmitidos pela literatura – levam a uma tentativa de representação do mundo que os cerca e onde se encontram inseridos. Daí a necessidade do ensino de uma literatura regional, no caso, da literatura pernambucana, fazendo parte de um pensamento histórico e social, que reelabora em termos políticos – e o que são as ideias senão uma manifestação política? – econômicos e sociais o esteio da verossimilhança artístico-literária à cultura de um povo em particular. Há que se acrescentar que nem toda literatura circunscrita a determinado território é regionalista. Pode ser telúrica com certeza, mas prezando pelos valores universais, com acontecimentos particulares, recortes de tempo e espaço conduzindo a uma representação de mundo em particular, marcando uma identidade em particular. Infelizmente, isto não acontece no ensino fundamental em Pernambuco, ressaltando-se que o ensino de literatura regional está marcado também pelo preconceito. Uma atitude de esquecimento mantida pela política do livro didático.

2.3. - Literatura Pernambucana:

Ministrada na graduação do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, a disciplina Literatura Pernambucana foi, num primeiro momento, realizada pela poetisa Lucila Nogueira - já falecida -, obedecendo a um projeto impetrado pela escritora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira, à época chefe do Departamento de Letras. Apesar de reunir grande quantidade de alunos da graduação - debruçados sobre a disciplina eles produziram bons resultados desvelando a literatura produzida no Estado - a matéria já não é mais oferecida. Há que se reconhecer, entretanto, algumas questões preliminares – aquelas com que me deparei ao longo de minha pesquisa para a realização desta atividade. Muito se escreve, na academia, sobre a produção pernambucana, que engloba tanto autores nascidos aqui quanto os radicados, como é o caso do mestre Ariano Suassuna e de Clarice Lispector. Todavia, não há um cânone genuinamente pernambucano.

Na UFPE, por exemplo, como já o afirmei, muitos autores contemporâneos são estudados, como Luzilá Gonçalves Ferreira, Raimundo Carrero e Osman Lins, entre outros. Pesquisadora proficiente, Luzilá fez publicar, pela CEPE, livro reunindo os escritores pernambucanos do século XIX na forma de um pequeno dicionário. O mercado editorial está aquecido, com a publicação, por exemplo, de inúmeras antologias de contos, poesias e crônicas, sempre revelando novos autores. Há portanto, no Recife, uma efervescência literária. Em seu Formação da Literatura Brasileira, o mestre carioca Antonio Candido fala na escola romântica do Recife, mais precisamente em Maciel Monteiro. Clóvis Melo, por sua vez, faz uma síntese histórica de 1575 a 1989 arrolando os literatos pernambucanos.

Não que não exista uma literatura pernambucana propriamente dita. O que há é que não existe uma obra determinante como genuína literatura pernambucana, e sim brasileira. O que pensar, entre outros, de um José de Alencar, que ambientou textos no Recife, assim como Clarice Lispector, com contos também ambientados aqui, em obras como Felicidade Clandestina e Laços de Família? São perguntas que garantem um bom debate e, conforme Lucila Nogueira (Queiroz, 2017, p. 10), ressaltam-se os contextos histórico-cronológico e cultural, que influencia a realização da obra literária. Seria então uma literatura lusófona a mesma que engloba a produção africana, timonense e brasileira? O que diferencia a literatura pernambucana da gaúcha, da mineira ou da maranhense?

André de Sena Wanderley, professor da graduação em Letras da UFPE, que estudou o tema cientificamente de 2000 a 2014, afirma que há uma literatura fantástica produzida em Pernambuco na contemporaneidade: ao menos foi o que ele disse em dezembro de 2013 no Congresso de Literatura Fantástica de Pernambuco. A partir daí, ele e o seu aluno, Alberon Lopes Raimundo, redigiram a comunicação Literatura Fantástica Contemporânea em Pernambuco. Para eles, há um caminhar para a emancipação literária, com produções ambientadas tanto no Recife quanto no interior do Estado, como é o caso do legado do jornalista Roberto Beltrão, por exemplo, que em 2013 publicou o seu Na Escuridão das Brenhas. Portanto, por meio de obras esparsas, denota-se uma vasta produção, faltando, no entanto, algo que referende o diferencial da escrita à pernambucana.

Há que se acrescentar, todavia, que a produção pernambucana é bem ilustrativa da literatura nacional. Por exemplo, na poesia, autores como Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto compõem o cânone nacional. Mesmo assim, as obras canonizadas são relegadas pelos autores do livro didático, como se houvesse um preconceito velado à literatura produzida no nordeste brasileiro. No que tange especificamente a João Cabral de Melo Neto, sua obra Morte e Vida Severina foi encenada pela Rede Globo de Televisão; sua obra também é estudada pela academia, como o fez o crítico literário carioca Antônio Carlos Sechim. Outro exemplo na poesia é a também pernambucana Cida Pedrosa, premiada nacionalmente com o Prêmio Jabuti. Trata-se, segundo a pesquisadora Marta Helena Cocco, no seu artigo O Lugar da Literatura Regional no Ensino (2009, p. 56), de um tipo de produção artística que segue do geral ao particular, ou seja, apresenta personagens com os sentimentos comuns à humanidade, porém ambientados em Pernambuco, num cenário particularmente construído.

2.4. – Sobre o ensino de literatura:

Em seu artigo Livro Didático de Língua Portuguesa para a Educação Básica: Problemas e Perspectivas, o pesquisador Egon de Oliveira Rangel, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, assinala que a partir da década de 2000 os livros didáticos mudaram bastante e para melhor. Nossa escolha desse texto se baseia no fato de não haver uma publicação específica para o ensino de literatura junto ao ensino fundamental, mas unicamente o mesmo para toda a língua portuguesa. Ele avalia:

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), responsável pela execução das políticas do Ministério da Educação (MEC) para o setor, tem sido encarado

ora como um programa exitoso, cujo funcionamento deve ser mantido e permanentemente aprimorado, ora como uma iniciativa dispendiosa a ser inteiramente revista em sua natureza e objetivos, ou mesmo a ser extinta, destinando-se seus recursos a políticas e/ou programas considerados mais pertinentes e oportunos, particularmente os voltados para a formação do professor e/ou para a melhoria de suas condições de trabalho. (Bunzen, 2015, p. 19)

De acordo com os estudos de outros pesquisadores, entre eles Antônio Augusto Gomes Batista e Ana Maria Galvão (2009, p. 20), os livros didáticos teriam se configurado como manuais a partir da década de 1970, atendendo às demandas da rápida expansão – desorganizada - das redes públicas de ensino no país e, por conseguinte, da chegada às escolas de um alunado e de um professorado oriundos de camadas culturalmente menos privilegiadas e - no caso específico dos docentes - com pouca experiência profissional e formação deficiente (em cursos curtos de licenciatura), muitas vezes vindos de instituições de ensino precariamente organizadas. Os pesquisadores assinalam algumas características da produção do livro didático, que abordam aspectos da literatura reconhecida no eixo Rio-São Paulo, sem a presença de obras regionais, como a pernambucana:

1. Privilégio da norma culta e da escrita, com destaque, às vezes, para uma norma-padrão bastante defasada em relação aos usos cultos do português brasileiro;
2. Linguagem oral posta em segundo plano (quando não esquecida), tratada com superficialidade ou mesmo como simples atividade/meio para a realização de atividades;
3. Concepção de leitura como resgate do tema e depreensão da estrutura do texto, deixando de lado sua dimensão discursiva; e, por fim,
4. Privilégio da forma e da gramática normativa no tratamento dado aos conhecimentos linguísticos.

O primeiro ponto destacado por Batista, noutro texto (2012, p. 11), é a cristalização de um modelo de Livro Didático de Português. No entanto, o foco do autor incide sobre seu formato. O cientista da educação assinala (2012, p. 15): “O PNLD estaria conduzindo a uma cristalização de um modelo de livro didático, baseado na apreensão de unidades de ensino sequenciais (com distintos tipos de princípios de organização, no caso dos manuais de Língua Portuguesa e Alfabetização)”. Ele acrescenta ainda a existência de grande número de textos e atividades em torno dos livros didáticos, obedientes a uma articulação entre esses textos e atividades, feitas por meio de um mesmo esquema repetido

a cada unidade, como opinou, no seu Políticas Públicas Para Livros Didáticos, cerca de 10 anos depois, durante a intervenção oral na mesa-redonda Políticas Públicas e Pesquisas Sobre Livros Didáticos de Língua Materna: Desafios e Possibilidades, durante o Seminário de Pesquisa Livros Didáticos de Língua Portuguesa, numa parceria USP/Unifesp, em 08 e 09 de outubro de 2012.

Em outro momento, já num segundo tópico, Batista (2012, p. 15) constata que o PNLD teria perdido sua capacidade de induzir mudanças nas práticas docentes, sobretudo no que concerne ao ensino da literatura regional, sendo, portanto, três as causas:

Por um lado, a avaliação tenderia a expressar um ponto de vista teórico, excessivamente alheio ao uso do livro em sala de aula; por outro lado, os docentes, em suas escolhas, tenderiam a optar por aquelas obras menos inovadoras (...). As editoras, por sua vez, teriam procurado investir mais fortemente (...) numa solução de compromisso ou de acomodação, produzindo livros que preenchessem os requisitos para a aprovação pelos especialistas da avaliação, mas fossem amplamente escolhidas pelos docentes. (Batista, 2012, p. 15)

Ainda segundo o autor, as edições que compõem o PNLD substituíram as antigas cartilhas, pressupondo que tal iniciativa poucas vezes considerou, em suas devidas dimensões, por sua natureza de material impresso, o formato ou as funções do LDP. Assim sendo, o livro didático de português e literatura seria capaz de induzir a mudanças nas práticas de sala de aula, sendo estas alterações resultantes das maiores ambições do Programa. Por outro lado, ao indicar as causas possíveis do fenômeno que denuncia, Batista põe em cena outros atores do processo de produção, avaliação, escolha e uso de livros didáticos, aí identificando um relativo descompasso entre a avaliação, de um lado, e, de outro, as demandas efetivas das práticas de sala de aula, com o ensino da literatura regional: pois o LD utilizado pelo Governo federal cobre todo o território nacional, numa política de autores e editores do Sudeste do país, que, por sua vez, em nada privilegia o ensino da literatura regional.

No que diz respeito ao esgotamento do LDP como manual, é preciso lembrar que existe a tendência clara e aberta da homogeneização das práticas e propostas didáticas presentes, pontua Roxane Rojo (2012, p. 30). Ela nos lembra de que há alguma diversidade na oferta de coleções aos professores, muito embora os manuais sejam a regra, em detrimento de alternativas como compêndios, antologias ou sequências didáticas, sendo que nem todos os livros didáticos se organizam de modo a tolher a autonomia do professor, como apontam alguns cientistas da educação. E a esta altura do processo avaliativo, são muito raros aqueles que, de modos tão diretos, se afiguram

como tutores do docente. Tudo isto de acordo com Roxane Rojo, em sua participação no mesmo Seminário de Pesquisa Livros Didáticos de Língua Portuguesa, onde apresentou a comunicação *Desafios e Possibilidades do Livro no Ensino de Português como Língua Materna: Pesquisa e Políticas Públicas*, pela USP/Unifesp, em 08 e 09 de outubro de 2012.

Dando continuidade ao tema livro didático, o tratamento dado à leitura regional e à escrita, nas coleções aprovadas, mostra em maior ou menor grau que uma e outra são consideradas como atividades de construção de sentidos, orientadas por propósitos específicos e dirigidas por interlocutores definidos. Aqui, há uma ressalva: o papel desempenhado pelos conhecimentos prévios e pelo contexto não é desconsiderado, podendo dizer respeito às dimensões textuais e discursivas da linguagem escrita. Mesmo a oralidade, inicialmente tratada apenas como atividade-meio, figura como objeto de ensino em todas as coleções do livro didático, muito embora ainda ocupe um espaço significativamente menor que o reservado aos demais eixos do ensino linguístico em relação ao ensino literário.

3 - Ensino de literatura e políticas públicas:

Em seu *Produção Textual Socialmente Situada: Proposta Didática*, a pesquisadora Elisa Cristina Amorim Ferreira (2019, p. 30) assinala que, na aprendizagem da leitura, este processo produz a interação do indivíduo com os ambientes políticos, cultural e econômico, tendo como fruto mais prestígio social. Tal prestígio é visivelmente marcado no livro didático, naquilo que trata da literatura regional, visto o privilégio dos literatos reconhecido no meio editorial. Para tanto, pensa a pesquisadora, o estudante descobrirá a importância do ato de ler, garantido, por exemplo, pela Lei de Diretrizes e Base de número 9.394/1996, possibilitando a todos os que compõem o processo educativo a apreensão da literatura. Todavia, aponta, aqui há um problema: professores que por diversos motivos não são leitores contumazes, tomando o texto como mero preenchedor de fichas, aulas de análise linguística e, por fim, a realização de uma avaliação, ficando a discussão mais crítica do texto colocada em segundo plano.

Para a formação de leitores, Elisa Ferreira (2019, p. 31) aponta dois caminhos, a saber, a motivação externa e a disponibilidade de livros adequados ao público alvo. Aqui, cabe uma indagação: como ensinar literatura pernambucana já que não é recorrente no LD? O problema, segundo a autora, é que, muitas vezes, não há professores motivados, prontos a serem bons mediadores. Ainda de acordo com a autora, este fato se dá, entre

outros, pela carga exaustiva que recai sobre os professores, que se baseiam apenas nas indicações do livro didático, apenas apresentando uma cronologia, sem apontar para um caminho de reflexão, possibilitando a interação dos leitores com a sociedade em que vivem e um momento histórico determinado, representando um desafio aos docentes de agora, sobretudo no ensino público, em que os alunos estão imersos na sociedade do audiovisual. Destarte, o professor é possuidor de um papel fundamental como mediador de conhecimento.

Diz Elisa Ferreira:

A literatura não foi construída como objeto de ensino, ela foi 'escolarizada'. No entanto, a intenção de levar essa arte sensibilizadora para os alunos fez com que a escola, nas últimas décadas, intensificasse, com a ajuda de propostas norteadoras, o acesso dos alunos a bens artísticos e culturais. (Ferreira, 2019, p. 41)

Elisa Ferreira (2019, p. 42) argumenta, ainda, que os saberes escolares passaram por modificações, à medida que a sociedade ocidental se industrializou, a educação deixando de ser um processo individualizado, com um professor passando a lecionar para vários alunos em escolas construídas com este fim, com sistematização de espaço e tempo. Desta forma, postula, o primeiro passo para a efetivação do gosto pela leitura é a criação do hábito de ler, sendo primordial o papel do professor como incentivador do interesse dos alunos, sem engessar o conteúdo aos programas de vestibulares, o mesmo se dando com os livros didáticos, tendo o docente como principal motivador deste hábito, explorando significações culturais sem apenas classificar as obras em escolas literárias, mas, sim, instrumentalizando o conhecimento, tendo como ponto de partida o texto. Aqui cabe outro questionamento: como apresentar a literatura pernambucana já que o docente tampouco a conhece? Muitas vezes o professor se concentra apenas no ensino linguístico.

Os pesquisadores Daisy B. F. Cardoso e Silvino Iagher, em *O Método Recepcional* (2013, p. 45), seguem a opinião de que os estudantes chegam ao Ensino Fundamental II com grande interesse pela leitura de textos literários. Todavia, gradativamente, eles vão perdendo tal entusiasmo, muitas vezes criando aversão pela leitura artística. A leitura é a condição para a formação de um cidadão crítico, pois viabiliza ao indivíduo pensar a respeito de si, de sua vida e da sociedade em que está inserido. Como consequência, o ato de ler – literatura pernambucana em xeque - possibilita a compreensão do presente e do passado, uma transformação sociocultural futura, inserindo o indivíduo na vida em sociedade, utilizando, de forma crítica e reflexiva

o produto da leitura, transformando a produção em conhecimento, combatendo a alienação e os costumes impostos pela mídia centrada no eixo Rio-São Paulo.

Elisa Ferreira retoma o pensamento dos pesquisadores da educação Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar. Para elas (2013, p. 4), “a riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano”. Desta forma, a leitura alarga e reconstrói o universo simbólico das palavras, construindo imagens que se interligam, sendo uma arte que transforma e humaniza o homem em sociedade. Este seria, em princípio, o papel do ensino de literatura nas escolas de ensino fundamental, o professor retratando os diversos segmentos sociais, colocando o estudante diante de uma “janela para o mundo”, partindo do particular: a literatura autóctone dentro de um recorte regional.

Em seu *Literatura, Poesia e Ensino: Considerações a Partir da Formação de Professores*, o professor Marcelo Medeiros da Silva (2017, p. 112) postula que a presença da literatura no ensino escolar acredita que o aluno deva apropriar-se, simbolicamente, da literatura. A disciplina, por sua vez, cumpre a função de agente humanizador dos estudantes, ensinando um conjunto de saberes numa perspectiva interdisciplinar, já que o ensino da literatura está associado ao ensino da língua portuguesa. O livro didático, por sua vez, serve de suporte ao ensino e às realizações de intervenção que dialogam com o texto literário. Embora reconhecendo os entraves burocráticos à escolarização, o ensino da literatura deve provocar reflexões no sujeito, propiciando ao leitor uma dupla experiência: libertação e preenchimento, modificando, assim, o olhar do estudante sobre as coisas do mundo à sua volta, sobretudo na sua região, onde a literatura poderia, como viés político, abrir os olhos do estudante para a alienação contumaz da sociedade de consumo, determinadora da cultura abraçada pelo eixo Rio-São Paulo.

4 - Sobre a BNCC e o Currículo de Pernambuco:

4.1. – Base Nacional Comum Curricular:

Toda a educação brasileira é pensada desde a base: é um conjunto de medidas que vai dos primeiros anos da educação infantil aos três últimos anos do Ensino Médio. Neste sentido, o governo federal implementou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que norteia as atividades da educação de norte a sul do Brasil. Também neste sentido, o

governo de Pernambuco fez elaborar o Currículo de Pernambuco, outra forma de realizar a educação no estado. Afora isso, cada instituição de ensino elabora o seu Plano Político-Pedagógico, a exemplo do que acontece com a Escola de Referência do Ensino Fundamental e Ensino Médio Governador Barbosa Lima no Recife, onde estagiei por dois semestres e onde pude acompanhar professores do Ensino Fundamental.

No nosso caso específico, os anos finais do Ensino Fundamental (do sexto ao nono ano) constituem o nosso objeto de estudo: coincidentemente, este é o período que culmina com a adolescência dos estudantes. Conforme a BNCC, o Ensino Fundamental cobre um período total de nove anos de duração, atendendo a estudantes dos 6 aos 14 anos, em média. Na Escola Barbosa Lima há apenas, em funcionamento, os quatro últimos anos do Ensino Fundamental, daí termos escolhido os livros de língua portuguesa utilizados para esta etapa. Vejamos o que diz o documento (2017, p. 65): “Há, portanto, crianças e adolescentes que, ao longo desse período, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros”.

No que tange especificamente aos adolescentes/jovens dos quatro anos finais do Ensino Fundamental, a BNCC concentra-se no que convencionou chamar de “criticidade de situações comunicativas diversificadas” (2017, p. 70). Desta forma, acredita, favorece não apenas o conhecimento relativo a cada área mas também o desafio de aproximar esses múltiplos conhecimentos, sendo os estudantes protagonistas em suas práticas de linguagem, não se resumindo às escolas, mas também à vida pública. No que concerne especificamente ao ensino de língua portuguesa e literatura brasileira, a ampliação e o contato com os diversos gêneros textuais acontece mediante a prática de linguagens vivenciadas por eles em direção a novas experiências, com o uso dos gêneros e práticas dos campos artístico-literários. Trata-se de um documento extenso, com mais de 600 páginas, que traz à tona o debate apenas em aspectos pontuais.

4.2. – Currículo de Pernambuco:

Dando prosseguimento às explicações, podemos nos concentrar no Currículo de Pernambuco, voltado para a educação que perpassa, ao todo, doze anos de aprendizagem. Desta forma, presume-se, ele assegura os direitos de aprendizagem e desenvolvimento de todas as crianças, adolescentes e jovens que recorrem, sobretudo, à rede estadual de educação. Subdividido em quatro volumes, contém um tomo característico do ensino fundamental, especificamente com relação às linguagens, contemplando também a

aprendizagem da literatura. Todavia, em parte alguma da sua introdução o ensino da literatura genuinamente pernambucana é contemplado, e esta é uma lacuna no que diz respeito ao ensino de literatura, principalmente a pernambucana. Contudo, em suas perspectivas, ele assume a concepção de língua como forma de interação social, produzindo sentidos, permitindo o exercício de poder, fruto de uma tomada de consciência.

O Currículo de Pernambuco (2018, p. 55) acrescenta ainda que a linguagem, por envolver contextos, interações, interlocutores e suporte, muito além de ser variável, apresenta novas formas de interação e de representações possíveis. Isto, ressalta, faz com que os usos das diversas formas de linguagem não ocorram da mesma maneira em todos os tempos e espaços, dada a sua pluralidade cultural e diversidade de condições. Por conseguinte, novos contextos são criados, as atividades sociais se diversificando e se transformando, daí a utilização da literatura em seus diversos gêneros (prosa e verso) nas aulas de língua portuguesa. Vale salientar que estes gêneros – mutantes - são criados em contextos específicos e novos gêneros surgem ou se modificam, atendendo a novas exigências da contemporaneidade e sobretudo, do mercado. Daí o desinteresse por uma literatura regional no livro didático.

Concluo este bloco transcrevendo o que diz o Currículo de Pernambuco:

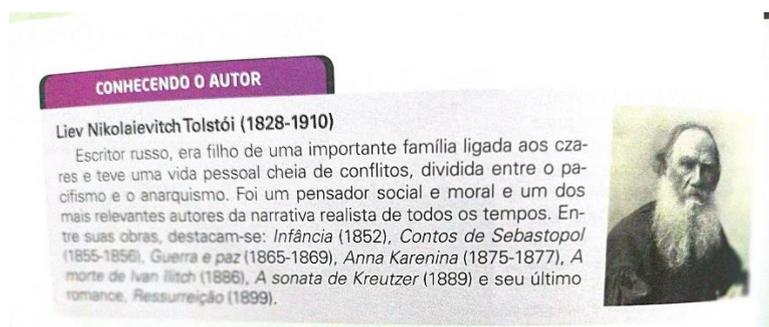
Diante de uma sociedade cada vez mais digital, midiática e globalizada, ler/escutar, produzir textos (orais ou escritos; verbais ou não verbais) e analisar a língua têm tido outras implicações e complexidades (contribuir virtualmente para a construção da pauta de um jornal televisivo, por exemplo, exigindo, por sua vez, uma reorganização dos nossos hábitos e posturas diante das múltiplas linguagens e das formas de explicar/entender a realidade, pois os gêneros textuais são cada vez mais multimodais e hiper midiáticos. Logo, não é mais suficiente se ater, apenas, à escrita manual e impressa nem a recursos linguísticos e leituras lineares, visto que interagimos diária e intensamente com e por meio de vídeos, áudios, imagens, textos em movimento etc. dentro de uma multiplicidade de cultura e linguagem. (2018, p. 78)

5 - Análise dos livros didáticos:

Elaborados pelas educadoras paulistas Tania Amaral de Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo - já citadas - para o quadriênio 2020-2023, o livro didático utilizado pelo governo federal para as escolas de ensino fundamental (nos quatro anos finais – sexto ao nono), é intitulado Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa. Editado e publicado em São Paulo pela editora IBEP, é dividido em duas partes: capítulos um e dois, por sua vez subdivididos em oito partes. Além do conteúdo de linguística, a obra traz o conteúdo de literatura. Vale salientar que a publicação é bastante colorida, bonita e

concebida de modo a cativar o público infanto-juvenil, mantendo um belo padrão estético. Há imagens como fotografias nacionais e internacionais, tal a breve biografia do russo Liev Tolstói, além de reproduções de quadros de autores como o espanhol Pablo Picasso e de poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Os tomos – que já receberam nove edições - compreendem os quatro anos finais do ensino fundamental, adotados para a realização da pesquisa e escrita deste artigo, trazem também indicações de textos complementares para a leitura, além de exercícios após cada subcapítulo, oito ao todo. Vale ressaltar que a estrutura é a mesma em todos os tomos. Com a conclusão do quadriênio, os livros foram recolhidos pela direção das escolas e, para o quadriênio que se segue, nova obra será utilizada por docentes e discentes. Bem diagramados, eles apresentam textos literários: poesias, contos, crônicas e fragmentos de romances de autores, publicados, sobretudo, por editoras do estado de São Paulo, alguns do Rio de Janeiro e uns poucos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. De textos de nordestinos, somente os poetas cearenses Patativa do Assaré e José Acaci; José de Alencar (CE) e Graciliano Ramos (AL) na prosa.



Além de brasileiros não conhecidos nacionalmente, mas publicados pelas editoras deste eixo, constam também estrangeiros como o francês Antoine de Saint-Exupéry, com seu famoso *O Pequeno Príncipe*. Ressalte-se, também, que há textos de Lev Tolstói e William Shakespeare, fomentando, assim, o conhecimento da cultura mundial e colocando os estudantes em contato com o que há de mais erudito. Juntamente com tais textos, vem sempre um quadrinho colorido com a imagem e um pouco da biografia do autor, deixando o estudante contextualizado com a obra em foco. O diálogo com a cultura culta mundial continua com a reprodução de obras do espanhol Diego Velásquez (1599-1660), fotografias de vítimas de guerras civis e refugiados na África, tirinhas de revistas em quadrinho e publicações da internet.

Um detalhe importante é que os autores conhecidos apenas no sudeste – não há nenhum autor do norte e centro-oeste, por exemplo – são literatos premiados e de origem europeia: entre eles não há negros, muito embora haja várias referências ao mulato carioca Machado de Assis.



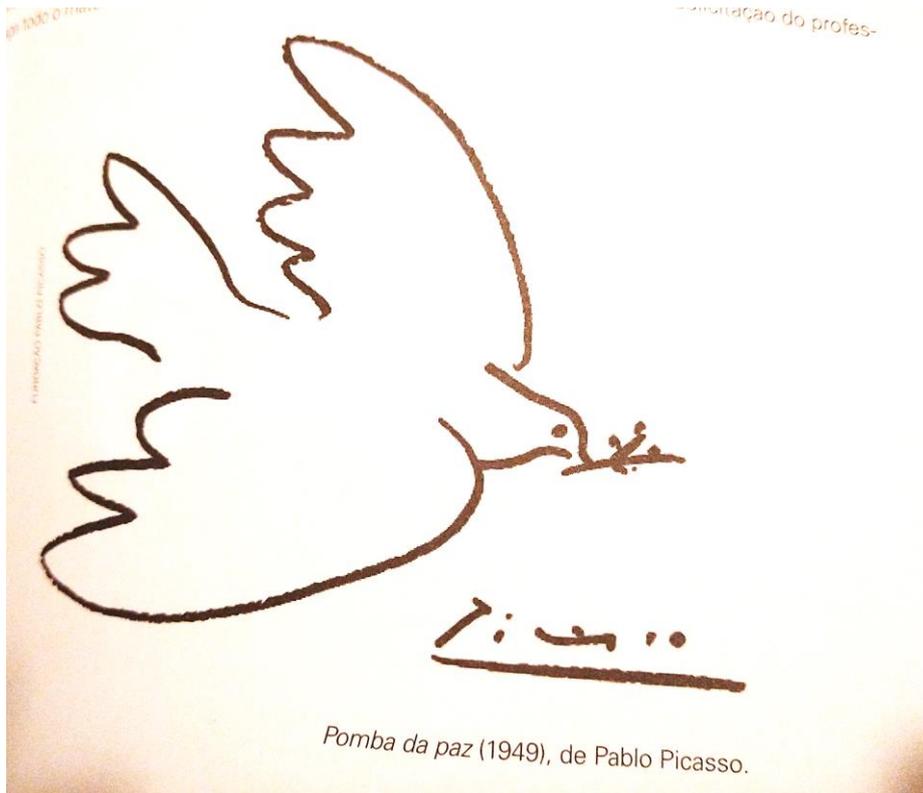
No que diz respeito a mulheres nordestinas, apenas a canonizada pela literatura brasileira, a também cearense Rachel de Queiroz, é indicado à leitura, especificamente de sua obra de estreia, *O Quinze*. Há ainda contos e trechos do romance *Infância*, do alagoano Graciliano Ramos, publicado pela editora Record e a edição, na íntegra, de seu conto *A Terra dos Meninos Pelados*. Todavia, ressalte-se, toda esta obra tem como publicação editoras do eixo Rio-São Paulo.

Os poetas também são bastante visitados, sobretudo o mineiro Carlos Drummond de Andrade, cujos textos em prosa são aqui apresentados, a exemplo de *A Incapacidade de Ser Verdadeiro* (conto) ou *Na Escola* (crônica). No que tange à publicação das poesias do cearense Patativa do Assaré, note-se que foi feita por uma editora de São Paulo. Entre as editoras paulistas, está – no que se refere ao livro didático em análise - a editora católica Paulus, responsável pela publicação, em 2010, do livro *Mitos e Lendas do Brasil*, de

Nireuda Longobardi. Neste trecho do livro didático, encontramos uma imagem de dançarinos do frevo, em uma brevíssima alusão à cultura pernambucana – o que não acontece com a nossa produção literária, por exemplo -, ressaltando-se que nenhum escritor em prosa ou verso pernambucano foi selecionado pelas autoras do livro didático que ora analisamos e que também apresenta a tela O Grito, do escandinavo Edvard Munch.

Muito além dos textos, encontramos aí também uma bela reprodução da aquarela Vila Rica, de Johann Moritz Rugendas (1820-1825), ressaltando-se o que se produziu no Brasil, de alcance mundial e contando um pouco da história nacional, muito embora não apresente telas da Missão Holandesa, por exemplo, de Franz Post. Quanto às edições que reúnem as poesias de Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), entre outros, há uma única publicada por uma editora cearense, as Edições Demócrito Rocha, organizada e prefaciada pelo crítico local Gilmar de Carvalho em 2010, com algumas das poesias de Patativa do Assaré musicadas e cantadas pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga. No capítulo três do oitavo ano, por exemplo, há a publicação de O Poema da Roça, do livro intitulado Poema de Cordel. Os poemas em cordel encontram aí um breve espaço, especificamente como característicos da cultura nordestina. Apresentado, todavia, não como literatura e sim como produção folclórica.

Na unidade dois do sexto ano encontramos o poema de Patativa do Assaré, O Poeta da Roça, publicado pela Antologia de Assaré, mais especificamente no blog literário bit.ly e reproduzido no livro didático em três páginas, onde informa que a literatura de cordel constitui Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Outro cordel foi escrito por Maurício de Sousa, em parceria com Fábio Sombra, intitulado A Guerra de Troia, mas não há grandes referências a este texto, apenas uma publicação ilustrada em tirinhas. Resumindo este bloco, podemos dizer que há parca presença nordestina no livro didático utilizado pela rede pública brasileira, de norte a sul do país, entre os anos de 2020 e 2023, averiguando o que existe em termos de publicações de autores nordestinos estudados pelos alunos dos quatro anos finais do ensino fundamental brasileiro, mas nada de literatura produzida em Pernambuco consta nas publicações concernentes aos quatro últimos anos do ensino fundamental.



Pomba da paz (1949), de Pablo Picasso.

6 – Sugestões para o ensino de literatura pernambucana:

Leitor assíduo da literatura pernambucana, sobretudo no que tange à obra da acadêmica Luzilá Gonçalves Ferreira e do premiado Raimundo Carrero, bem como dos livros de poesia da minha prima Janice Japiassu, sugiro a adoção, nos dois primeiros anos mais avançados do Ensino Fundamental, ou seja, o sexto e o sétimo ano, do livro da literata, intitulado *No Tempo Frágil das Horas*. Esta obra tem uma narrativa simples e objetiva, sem palavras mais rebuscadas, o que facilita a leitura e a compreensão por parte dos alunos. Recebeu o Prêmio Cidade do Recife. Acrescente-se que Luzilá é premiada nacionalmente. Por exemplo, pela Academia Brasileira de Letras, na categoria Romance Histórico, com o seu *Os Rios Turvos*. Em suas obras, ressalta a participação feminina junto à história pernambucana, como o fez em outros romances, tal como *A Garça Malferida*, ambientada no Brasil holandês, quando da presença de Ana Paes, senhora do engenho Casa Forte, que lutou pela causa holandesa. Eis um trecho do romance *No Tempo Frágil das Horas*:

Três dias depois, começaram os acontecimentos que, por semanas e meses, abalariam as vidas de Antônia e Maria Arcângela. Era uma tarde de muita chuva. Antônia se encontrava no salão do imperador, observando a negra Tomázia que amamentava o pequeno Manoel. Ouviu guizos, correu ao balcão, viu o coche de Condessinha, a esposa do primo Joaquim, que passava sob o portal de Monjope. Correu a encontrar a moça.

- Que alegria te ver, Maria.

(Ferreira, 2003, p. 123)

Da mesma forma, nestas mesmas séries apontadas, em se tratando de poemas, proponho debruçar-se sobre o livro *Com Todas as Letras*, de Janice Japiassu. Desta forma, contemplaríamos duas faces da literatura, a poesia e a prosa. Vale ressaltar que Janice Japiassu, expoente da Literatura junto ao Movimento Armorial, também é premiada pela Prefeitura do Recife, com o livro *O Reino das Águas*. No entanto, por ser mais retraída que Luzilá, não alcançou grande sucesso, mesmo sendo admirada e querida de Ariano Suassuna, que prefaciou seu primeiro livro, *O Canto Amargo*, nos anos 1960. Eis a poesia *A Recife*, publicada no mesmo livro:

A pedra maturada pelas águas
Curada nos porões do inconsciente
Pedra do mar afeita às tempestades
Às lendas, aos fantasmas e aos duendes

Não qualquer pedra, a pedra azul, marinha
Do limo anil do poço dos videntes
Onde habita a princesa adormecida
Em seu castelo de mel e sementes

Pedra do mar, gerada, pedra funda
Antes que o fel e o sal tivessem nome
É dessa pedra que se fez o mundo
Do limo desse mar que se fez homem

Pedra mulher que em seu ventre marinho
Pare mil pedra e não se consome.

(Japiassu, 1997, p. 31)

Há muitos outros autores, tais como Osman Lins, por exemplo. Este, todavia, é também senhor de uma obra densa, com ensaios literários e romances. Um destes, o bem trabalhado *Avalovara*, é difícil de ser lido, já que se enquadra no denominado molde francês, o “Nouveau Roman”. Carrero, por sua vez, é dono de uma produção também não das mais fáceis. Aqui, debruçar-se sobre o romance *A Minha Alma é Irmã de Deus*, premiada nacionalmente, exige uma leitura mais madura, tendo em vista que o autor faz intertexto com a obra bíblica *O Cântico dos Cânticos*. Conceituo como obras mais

difíceis, dado o tom erudito do texto, trazendo palavras mais rebuscadas, cujo entendimento não é imediato, precisando, muitas vezes, a consulta ao dicionário. Neste caso, estas duas obras podem ser mais bem aproveitadas no Ensino Médio, juntamente com o livro de Luzilá, *Os Rios Turvos*, que já foi tema de vestibular em Pernambuco, anteriormente ao ENEM, já que aborda os primórdios da literatura produzida neste rincão.

Outra autora que merece leitura nos dois últimos anos do Ensino Fundamental, diga-se o oitavo e o nono ano, é a romancista, cronista e contista Clarice Lispector, que passou grande parte de sua vida no Recife, isto, pelo menos, até uma parte da juventude, quando se transfere para o Rio de Janeiro. Há dois contos em especial, contidos na obra *Felicidade Clandestina: Banho de Mar e Resto de Carnaval*. No primeiro, a autora rememora os banhos de mar em Olinda, quando a família saía do Centro do Recife para a cidade vizinha e o segundo, quando participou, também ainda criança, de um entrudo de Carnaval na Rua da Imperatriz, já que Clarice vivia na Praça Maciel Pinheiro. Na poesia, aqui se poderia ler o poeta modernista Ascenso Ferreira, quando, em uma de suas poesias, narra a viagem de trem de Palmares, na Mata Sul, ao Recife. Portanto, não nos faltam obras de pernambucanos a serem lidas.

7 - Conclusão:

A pesquisa realizada traz um resultado estarrecedor: não há qualquer presença de autores pernambucanos no livro didático empregado na rede pública de ensino, nem mesmo de autores consagrados e premiados em nível nacional. Os romancistas Raimundo Carrero e Luzilá Gonçalves Ferreira, por exemplo, já foram premiados pela Academia Brasileira de Letras e são publicados por editoras do eixo Rio/São Paulo, tais como a Record e a Rocco, com edições esgotadas, e sequer são mencionados, nem mesmo nas indicações de leitura complementar. Há, entretanto, dois autores nordestinos cujos textos em prosa são fragmentados e publicados, a saber, o alagoano Graciliano Ramos e o cearense José de Alencar. Entre os autores contemporâneos, constam no livro didático apenas os poetas populares Patativa do Assaré e José Acaci, o que denota um completo desconhecimento de nossa literatura pernambucana.

Não se pode dizer que apenas nomes consagrados são apresentados na coleção, visto que há literatos do Rio Grande do Sul e Minas Gerais exibidos nos exercícios sobre a literatura brasileira no livro didático, muitos completamente desconhecidos no nordeste do país, restringindo-se a suas regiões ou conhecidos apenas no eixo Rio-São Paulo, onde

foram produzidos e publicados os tais livros didáticos. No que tange especificamente ao poeta popular Patativa do Assaré, do meu ponto de vista ele foi nomeado porque se trata de um debruçar sobre a poesia de cordel, numa incursão de rasgo ao folclore e à diversidade cultural do Brasil. Mesmo a cronista e romancista Rachel de Queiroz, que teve o último romance O Memorial de Maria Moura adaptado para a TV Globo, apenas foi mencionada e indicada à leitura complementar.

Concluimos, portanto, que há muito desconhecimento por parte das editoras de livros didáticos da produção nordestina, cujos textos exaltam os costumes e as tradições locais, em obras que percorrem os rincões pernambucanos, como fez a romancista Luzilá Gonçalves Ferreira no seu No Tempo Frágil das Horas, contando o esplendor da aristocracia canavieira em Pernambuco. Vale salientar que tanto Graciliano Ramos quanto José de Alencar, este quase um século antes, radicaram-se no Rio de Janeiro, de onde apresentaram à nação a sua produção em prosa. Também vale ressaltar que as editoras fora do sudeste são inteiramente desconhecidas. Se os autores mais premiados e consagrados contam com obras relegadas, imagine os novos autores. A BNCC não trata do ensino de literatura voltado à cultura regional, enquanto o Currículo de Pernambuco trata, mas esta realidade não é consumada junto ao alunado, visto que o livro didático adotado põe tal realidade à sua margem. Também no Currículo de Pernambuco não existem indicações de quais livros e quais autores pernambucanos devem ser abordados em sala de aula.

Nada se registra, portanto, da presença pernambucana no livro didático utilizado na rede pública do estado e não há qualquer preocupação dos gestores e professores de apresentar os literatos locais aos alunos. Tanto gestores quanto professores se limitam a reproduzir os parcos conhecimentos apresentados pelo livro didático. Vale salientar que os docentes não recebem apoio da Secretaria de Educação estadual no sentido de fomentar a leitura de clássicos pernambucanos. A má remuneração e o excesso de trabalho comprometem o desenvolvimento intelectual dos docentes que, muitas vezes, se enchem de atividades para receber salários pequenos e defasados. O pior, diante da ausência de autores pernambucanos, é o descaso e a acomodação dos próprios patrícios, sem que haja empenho para transformar esta realidade infeliz.

Por último, denota-se uma ausência de estudos científicos sobre a produção literária local, em se tratando de pernambucanos, assim como especificamente no que concerne ao livro didático utilizado pela nossa Secretaria de Educação. Uma boa medida

é avaliar o interesse das editoras do sudeste junto ao mercado consumidor do nordeste, visto que as editoras brasileiras visam sempre ao lucro, estando de olho no mercado consumidor, o que impacta diretamente na realidade dos pernambucanos oriundos e egressos da escola pública, desprovidos de maior poder aquisitivo. Estes tampouco têm acesso à mídia, como publicações de jornais e revistas especializadas em literatura. Portanto, falta muito para que a produção literária pernambucana seja abraçada pelos produtores do livro didático e por estas açambarcados em suas publicações. Há muito ainda para estudar e muito para apresentar soluções à problemática.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Aula de Português – Encontros e Interações. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, Aldenice de Souza e SILVA, Josivaldo Custódio da. Literatura, Texto e Livro Didático: Percursos Para o Letramento Literário. Campina Grande: Linguagens e Letramentos, 2016.

ARAÚJO, Denise Lino; CARVALHO, Aluska Silva e FERREIRA, Elisa Cristina Amorim. Língua e Literatura no Ensino Médio: Propostas de Trabalho Indissociados. Campina Grande: EDUFPG, 2019.

ARAÚJO, Lucy A. M. e OLIVEIRA, Tania Amaral. Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa. Barueri: IBEP, 2018. Quatro tomos, do sexto ao nono ano.

ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

AUERBACH, Erich. Introdução aos Estudos Literários. São Paulo: Cosacnaify, 2015.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BUNZEN, Clécio. Livro Didático de Português – Políticas, Produção e Ensino. São Carlos: Pedro & João, 2015.

CAMPOS, Antonio e GALINDO, Cyl. Panorâmica do Conto em Pernambuco. São Paulo: Escrituras, 2007.

CAMPOS, Antonio e Cordeiro, Cláudia (Org.). Pernambuco, Terra da Poesia. São Paulo: Escrituras, 2006.

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira: Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

CANDIDO, Antonio. Na Sala de Aula – Caderno de Análise Literária. São Paulo: Ática, 1986.

CARDOSO, Daisy Bonfim Faria e IAGHER, Silvino. O Método Recepional Como Alternativa Para Formar Leitores. Curitiba: Cadernos PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), volume 1, 2016.

COCCO, Marta Helena. O Lugar da Literatura Regional no Ensino. Cárceres: Universidade do Estado do Mato Grosso, 2009.

Currículo de Pernambuco. Recife: Governo do estado de Pernambuco, 2018.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura – Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ECO, Humberto. Como se Faz Uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo/Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1987.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. No Tempo Frágil das Horas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

HENRIQUES, Eduardo. Literatura e Identidades Locais: Uma Investigação escolar. Recife: Revista Encontros de Vista, julho/dezembro de 2015.

JAPIASSU, Janice. Com Todas as Letras. Recife: Ed. Da Autora, 1997.

LEMO, Mariano. Poetas da Academia. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1956.

MELO, Clóvis. Uma História da Literatura em Pernambuco: Síntese Histórica (1575-1989). Recife: Academia Pernambucana de Letras, 2003.

MELO, Márcio Araújo de & CARVALHO, Teresa Ramos de. Regionalismo Literário e a Formação do Leitor. São Paulo: Editora Didática, 2024.

QUEIROZ, Roberto (Org.). Literatura Pernambucana: Uma Disciplina Necessária. Recife: Audax, 2017.

RODRÍGUEZ, Víctor Gabriel. O Ensaio Como Tese. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SANTOS, Myllena Karina Miranda dos. A Hora dos Escritores Pernambucanos: Motivando a Leitura Literária na Escola. Recife: Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade SENAC, 2010.

SILVA, Liliâne Maria Jamir e. Ciranda Pernambucana: Antologia Poética Infanto-juvenil. Recife: Massangana, 2023.

SILVA, Marcelo Medeiros. Literatura, Poesia e Ensino: Considerações a Partir da Formação de Professores. Juiz de Fora: Revista Práticas de Linguagem, volume 7, número 2, 2017.

TAVARES, Hênio. Teoria Literária. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

WANDERLEY, André de Sena e RAIMUNDO, Alberon Lopes. Literatura Fantástica em Pernambuco, in www.ufpe.br/documents.literatura_fantastica. Acessado em 3 de janeiro de 2024.